

## Quando Tudo começa

um cinema cidadão

Uma abordagem generalizadora e idealista poderia dizer que um cinema que tematiza com tal clareza o desmonte da política pública de educação, costurando-o com os fios cotidianos das vidas daqueles que vivem o dia-a-dia dessa lenta catástrofe, só é possível no país da *république* e do grande realismo social de Balzac, Stendhal, Flaubert e Jean Renoir.

Como quase todos os idealismos, essa explicação da excelência de *Quando Tudo Começa* por sua contextualização na cultura francesa de espírito público é apenas parcialmente verdadeira. De fato, a densidade do meio cultural francês – o único no mundo atual capaz de ainda manter uma política de incentivo a cultura que dá sobrevida a uma cinematografia nacional (e Tavernier é um ativista desse trabalho de defesa) – evita a alegre facilidade com que, abaixo do Equador, os nativos entregam aos neo-ocupantes redes de telefonia, riquezas minerais, mercados, corações e mentes. De fato, é mais fácil conceber um filme como *Quando tudo começa* quando (para citar pelo menos os sinais dos naufrágios alheios que chegam até nossas praias) existem livros como *Contrafogos*, *A Miséria do Mundo*, *O horror econômico* ou quando existe um movimento como o ATTAC. Fica então mais compreensível que

surjam filmes como *Um clandestino em Paris*, *O Ódio* ou esse *Quando tudo começa*.

Mas isso é apenas onde tudo começa. É preciso que o cineasta leia os livros que existem, que descubra suas tradições, que absorva, segundo seus próprios interesses, as alheias (Tavernier é autor de um consagrado livro sobre o cinema americano), e que, a partir dessas referências, trabalhe na construção de uma forma cinematográfica capaz de testemunhar o que vive e vê (trabalho mais árduo que o “agito” marqueteiro na imprensa, que caracteriza os neo-agregados culturetes do “renascimento” de um cinema que, em vez de lutar pelas salas, preferiu a boca-livre dos salões).

Para que Daniel, o diretor da escola de *Quando tudo começa*, tenha uma personalidade convincente, uma vida que vá além do clichê professor-herói, Tavernier teve de obter, antes, o delicado lirismo de Laurence, a professora em crise de *Um olhar para a vida*. É essa carpintaria concentrada de Tavernier que lhe dá condições de criar diálogos imprevisíveis, capazes de nos surpreender. Se Daniel vive seus problemas num ritmo convulsivo, frente ao qual a crise de Laurence parece quase idílica, essa é a marca cruel de um tempo cruel, que Tavernier enfrentou em *A Isca*, em que já encenara

o modo como tudo acaba: personalidades atrofiadas, narcisistas e amorais.

É nítido que o cineasta busca estar à altura de seu tempo, mesmo à custa de violentar sua própria sensibilidade. O realizador culto que, em *Um sonho de domingo* faz sua profissão de fé na sensibilidade cultivada com delicadeza, e o moralista que afirma a “absolutidade” da honradez em *A vida e nada mais* sabe o valor do que hoje se perde com o desmonte do projeto que nasceu na Revolução Francesa. Justamente por isso ele não se permite embalar numa nostalgia que embalaria seus pares menos resolutos. Prefere a ferida aberta, vista de dentro em *A Isca*, e enfrentada, apesar de toda a impotência, em *Quando tudo começa*. O verdadeiro realismo expõe o fim das ilusões. Com a visão decantada ao longo de décadas de trabalho como crítico, produtor e realizador (além de suas atividades mais classistas, referentes à política cinematográfica), Tavernier está apto a alcançar, com aquela sua câmera solta, ansiosa, uma simplicidade cinematográfica que faz jus a seus personagens.

O idealismo do “espírito francês” esconde o trabalho cidadão de Tavernier e, entre nós, pode servir de álibi a um comodismo arrivista daqueles que se negam

a pesquisar entre os destroços do que foi um projeto de nação, as bases da briga cotidiana para, pelo menos, ver com clareza. Assim como não faltam no Brasil do caos urbano professores como Daniel, não faltam também, ainda que apareçam menos do que as festas midiáticas, o lirismo circunstanciado de Luiz Vilela e o irônico-desesperado de Fausto Wolff, as porradas de João Antônio e Mano

Brown. No cinema de ficção (quem se atreve a comparar com as alturas que a câmera olho-no-olho de Coutinho alcança?), existem os esboços de Walter Salles (*O Primeiro Dia*), Georgetti e Carlão. Mas está faltando a lição de casa caprichada na escola Prof. Luiz Sérgio Person, sob orientação do prof. Hirzsmann. Ainda falta bastante para vermos bem como nascem os anjos em nossos arrabaldes.

